

Um “imperativo existencial e histórico” em um cenário de barbárie

Leandro Rodrigues Alves Diniz
Editor-chefe da Revista Interfaces
leandroradiniz@gmail.com

No final de 2020, quando fechávamos a última edição da Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, 185.000 mortes por covid-19 haviam sido notificadas no Brasil. Decorridos seis meses desde então, esse número quase triplicou, superando a trágica marca de 513.000 mil mortes pela doença. Mais de meio milhão de óbitos. O Brasil é hoje o segundo país onde mais vidas foram ceifadas durante a pandemia, havendo previsões de que ultrapassará os EUA nos próximos meses. “Brasil acima de todos”. Um país com menos de 3% da população mundial, que concentra 30% das mortes pelo vírus em todo o planeta¹. Apesar de toda a capacidade do Sistema Único de Saúde e do trabalho incansável dos profissionais da saúde que estão na linha de frente – sem os quais a tragédia que se abate sobre nós seria ainda maior –, até o momento, apenas cerca de 15% dos residentes no Brasil completaram o esquema de vacinação².

Como é cada vez mais evidente, milhares dessas mortes são fruto de um projeto deliberado da extrema-direita brasileira – e não do seu suposto desvario ou incompetência. A extrema-direita que minimiza a gravidade da pandemia, que diz que o Brasil tem de deixar de ser “país de maricas” e enfrentar “de peito aberto” a “gripezinha”. A que restringe o acesso a dados sobre a pandemia, que os manipula. A que, no comando da indústria de *fake news*, continua defendendo medicamentos cuja eficácia já foi negada por seus próprios fabricantes, ao mesmo tempo em que questiona vacinas aprovadas pelas comunidades científicas nacional e internacional. A que, por omissão e por interesses que ora estão sendo apurados pela CPI da covid, é responsável pela morosidade da vacinação no Brasil. A que aposta na “imunidade de rebanho”: o vírus “é como uma chuva, vai atingir você”.

Em semelhante cenário de barbárie – em que o capital, violentamente, subjuga o próprio direito à vida –, guardar a esperança parece cada vez mais difícil. Porém, tal como nos ensina Paulo Freire³, “como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo”. É com a certeza

¹ CORREIO BRAZILIENSE. *500 mil mortos por covid: 4 gráficos para comparar a tragédia do Brasil com a de outros países*, 20 jun. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4932535-500-mil-mortos-por-covid-4-graficos-para-comparar-a-tragedia-do-brasil-com-a-de-outros-paises.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

² FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. BOLETIM OBSERVATÓRIO COVID-19 – SEMANAS EPIDEMIOLÓGICAS 22 E 23 (DE 30 DE MAIO A 12 DE JUNHO DE 2021). DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PORTAL.FIOCruz.BR/DOCUMENTO/BOLETIM-DO-OBSERVATORIO-COVID-19-SEMANAS-22-E-23](https://portal.fiocruz.br/documento/boletim-do-observatorio-covid-19-semanas-22-e-23). Acesso em: 23 jun. 2021.

³ FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Terra e Paz, 2013 [1992], p. 14.

de que a esperança é um "imperativo existencial e histórico"⁴, que, orgulhosamente, trazemos o cordel "Aprendi lendo caju" para abrir a presente edição da Interfaces. Concebido pelo Prof. Fernando Limoeiro e apresentado na 20ª Jornada de Extensão da UFMG⁵, tal texto homenageia aquele que é - e continuará sendo, apesar dos que têm lutado contra seu legado - o patrono da educação brasileira.

Que a leitura do cordel, assim como dos demais textos que compõem este novo número da Interfaces, focalizando práticas extensionistas em diferentes espaços do Brasil, contribua para "desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança"⁶.

Boa leitura!

⁴ *Ibidem*, p. 14.

⁵ Evento ocorrido virtualmente em 16 de junho de 2021 pela plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FREPHgynkY>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁶ *Ibidem*, p. 15.